

COTIDIANO ESCOLAR: A INDISCIPLINA E AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS NA ESCOLA*

Michele de Oliveira Pereira¹

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo analisar o cotidiano escolar, os fatores disciplina, indisciplina e o ambiente escolar como promotor de relações interpessoais. A temática tem sido estudada com mais frequência por estudiosos da educação e tem sido palco para debates por membros do corpo escolar (gestores, pais, professores) que visam encontrar alternativas para entender o cotidiano escolar e suas múltiplas possibilidades e diversidades. Deste modo, propõe-se nesse artigo apresentar algumas concepções sobre a disciplina, indisciplina e relações interpessoais no campo teórico bem como contribuir para a produção científica em cotidiano escolar.

Palavras-Chave: Cotidiano. Disciplina. Indisciplina. Relações Interpessoais.

RESUMEN

El presente artículo tiene por objetivo analizar el cotidiano escolar, los factores disciplina, indisciplina y el ambiente escolar como promotor de relaciones interpersonales. La temática ha sido estudiada con más frecuencia por estudiosos de la educación y ha sido escenario para debates por miembros del cuerpo escolar (gestores, padres, profesores) que buscan encontrar alternativas para entender el cotidiano escolar y sus múltiples posibilidades y diversidades. De este modo, se propone en este artículo presentar algunas concepciones sobre la disciplina, indisciplina y relaciones interpersonales en el campo teórico así como contribuir a la producción científica en cotidiano escolar.

Palabras Clave: Cotidiano. La disciplina. Indisciplina. Relaciones interpersonales.

INTRODUÇÃO

A partir da vivência e do trabalho em escolas é que se pode perceber a educação em um sentido mais ampliado da palavra, não apenas no sentido

¹ Bacharel em Ciências Contábeis pela UNIPAC, Leopoldina, MG, Licenciada Plena em Matemática pela FAFIA- Faculdade de Filosofia de Alegre – ES, Licenciada Plena em Pedagogia pela CESA – Centro de Educação Superior Alternativo – Serra, ES, Especialista em Matemática pela FIJ – Faculdade de Jacarepaguá, RJ, Educação Inclusiva pela Unicidade, Vitória, ES, Gestão Educacional, Unicidade, Vitória, ES, Educação de Jovens e Adultos, Unicidade, Vitória, ES, Educação Integral e Saberes Populares, UFES, Vitória, ES, Mestre em Ciência da Educação pela FICS, Facultad Interamericana de Ciencias Sociales, Assunção, PI.

reduzido da produção e reprodução de conhecimentos institucionalizados e enquadrados em currículos fechados que padronizam as práticas educativas.

A escola vem enfrentando situações que antes não eram características dos espaços educacionais, e que atualmente a elevam para além de apenas local de produção de conhecimento, de cultura, de conflitos, mas também para espaço de demandas que outrora não eram presentes no cotidiano escolar. Neste ínterim, da profissão docente, e da articulação entre atores da escola, é exigido o rompimento com padrões fixos e preestabelecidos pelo sistema, vislumbrando a escola como um equipamento social de desenvolvimento e de mudanças sociais.

Pode-se destacar que, um problema recorrente que se apresenta no cotidiano escolar nos dias atuais, é a indisciplina, que faz parte do cotidiano, tanto em sala de aula quanto no ambiente escolar. Estudar e debater o fenômeno “indisciplina”, estudado sob a ótica da disciplina e das relações interpessoais e suas causas tem sido temática constante nas pesquisas, discussões e debates entre família, educadores e pesquisadores que se preocupam com a educação e que se envolvem com o processo educacional em busca de mudanças de paradigmas.

A indisciplina pode ser observada e analisada sob diversos aspectos, sendo possível listar, a dificuldade da escola em promover o interesse dos alunos e a manutenção de um ambiente agradável e adequado para a prática escolar, a ausência da família, a desmotivação do professor que culmina em aulas enfadonhas, que não despertam o interesse do aluno, os conflitos sociais que adentram a escola, e conseqüentemente, a falta de entendimento da escola e de seus atores para a nova dinâmica que se interpõe ao “espaço escolar”.

Segundo Tiba, [...] como em qualquer relacionamento humano, na disciplina é preciso levar em consideração as características de cada um dos envolvidos no caso: professor e aluno, além das características do ambiente [...] (1996, p.117), nesta perspectiva, é possível se estabelecer um modo de intervenção, a fim de promover um ambiente onde apesar de presente, a indisciplina tende a alcançar um patamar de controle.

1 - DISCIPLINA - INDISCIPLINA E RELAÇÕES INTERPESSOAIS NA ESCOLA

A questão disciplinar a muito permeia as relações escolares, constituindo objeto de estudo de muitos pesquisadores que se imbuem da vontade de entender e produzir teorias que deem conta do mal estar, angústia e dos prejuízos que a falta da disciplina vem causando ao ambiente escolar, tanto público quanto privado, e para seus atores.

Teorizando com palavras de Silva, temos por disciplina escolar, um conjunto de normas que precisam ser seguidas por todos na escola, quer seja pelos professores, quer seja pelos alunos a fim de que seja possível garantir que o aprendizado escolar aconteça com êxito. Para tanto, a disciplina, é um atributo do relacionamento humano entre o corpo docente e os alunos em uma sala de aula e, conseqüentemente, com reflexos no ambiente escolar como um todo (1986).

Em outra concepção de disciplina segundo Carvalho (1996, p. 129), é possível encontrar as seguintes disposições:

[...] 1. instrução e direção dada por um mestre a seu discípulo[...] 2. submissão do discípulo à instrução e direção do mestre. [...] 3. imposição de autoridade, de método, de regras ou preceitos[...] 4. respeito à autoridade; observância de método, regras ou preceitos. [...] 5. qualquer ramo de conhecimentos científicos, artísticos, lingüísticos, históricos, etc.: as disciplinas que se ensinam nos colégios. [...] 6. o conjunto das prescrições ou regras destinadas a manter a boa ordem resultante da observância dessas prescrições e regras: a disciplina militar; a disciplina eclesiástica. [...] Seria interessante apontar que, dentre as seis acepções conferidas à palavra disciplina no dicionário em questão, somente a última (6) não faz referência direta ao processo educacional, mas ressalta seu uso eclesiástico ou militar. E, no entanto, justamente esta ideia de disciplina como "o conjunto das prescrições ou regras destinadas a manter a boa ordem", própria e oriunda de outras instituições sociais onde a ordem e a hierarquia se configuram como um modo de vida, é a que mais fortemente tem marcado a discussão sobre indisciplina por parte de professores e outros agentes escolares [...]

A disciplina na sociedade contemporânea tem sido percebida como o uso de bons modos comportamentais que viabilizam e permitem a convivência harmônica entre os pares. Entretanto é importante que percebamos como é fomentada no ambiente escolar essa disciplina e como essa se garante, e é possível perceber que a apreensão deste comportamento muitas vezes se dá a partir da impressão de medo, de castigos e de punições (PARRAT-DAYAN 2008).

Nesta perspectiva é possível perceber que Foucault (2008) em seus estudos, dizia que a disciplina é um conjunto de métodos que corroboram para o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a rendição constante de suas forças e lhes conferem uma relação docilidade-utilidade.

Assim, na mesma direção dos estudos de Foucault, Aquino (1996, p.10) interpõe que, na concepção do filósofo, Kant, a disciplina é uma condição que se faz necessária para libertar o homem de sua natureza selvagem, não se tratando, portanto, simplesmente de “bons modos”, mas de um movimento de educar o homem para ser homem, liberto de sua condição animal, e que, para o mesmo autor, a conservar-se parado e quieto num banco escolar é imprescindível, não para permitir o bom funcionamento da escola, outrossim para ensinar a criança a controlar seus impulsos e afetos.

Tendo definido o conceito de disciplina, em sua acepção original, torna-se possível perceber que esta nos traz a ideia de uma trajetória a ser traçada e percorrida durante o processo educacional. Deste modo, está a disciplina estritamente relacionada com a habilidade de controlar as situações, a fim de promover uma boa convivência na vida/cotidiano escolar, que é palco de construção de relações que dão significado ao espaço escolar a partir do momento que se criam, recriam e se apresentam neste, das mais variadas maneiras que de acordo com a sinalização de Rego (1996, p. 86), a escola necessita de regras e normas orientadoras de seu funcionamento e da convivência entre os diferentes elementos que nela atuam.

Na contrapartida podemos ilustrar com Aquino (1996) que contrapondo a disciplina, é perceptível a ocorrência de indisciplina cujo conceito, apresenta-se como sintoma de relações descontínuas e conflitantes entre o espaço escolar e as outras instituições sociais.

Aquino (1996) ainda, nos explana que o papel de escola é de harmonizar a experiência/vivência do sujeito diante da incansável trajetória humana que consiste em desconstruir e reconstruir os processos de construção do conhecimento que se interpõe à realidade dos fatos cotidianos.

Assim, a disciplina e a indisciplina no ambiente escolar, encontram-se no campo das relações interpessoais, onde os sujeitos apesar de terem direitos iguais, sofrem diferentes estímulos do meio, que influenciarão diretamente no seu comportamento social e interpessoal e nos objetivos que querem alcançar. Arroyo (2007) enfatiza que o mal-estar vivido nas instituições escolares não provém apenas da escola e do magistério, mas da sociedade como um todo.

Antagonicamente à disciplina, a indisciplina é um fenômeno contemporâneo que tem como objeto de estudo as relações e as mudanças do ponto de vista da educação e da forma de se educar. Vasconcellos (2003, p. 120-121) argumenta sobre a importância de lançar um olhar minucioso sobre a realidade educacional e sugere algumas categorias de pensamento e ação: [...] a criticidade, “ir além das aparências, dos discursos, das intenções genéricas, [...]”; a totalidade, “perceber a trama de nexos que envolvem o problema, suas múltiplas e essenciais relações, procurar levar em conta os vários pontos de vista, buscar a visão do conjunto”; e a historicidade, “captar o dinamismo do real, seu constante vir-a-ser” [...]

É perceptível que, no cotidiano escolar o comportamento dos alunos tende a ser reflexo das experiências vividas no meio familiar e social nos quais as crianças estão inseridas, e de acordo com Vasconcellos (2004) é possível perceber que a família não está desempenhando sua função de fazer a introdução de conceitos civilizatórios, que correspondem ao estabelecimento de limites e o desenvolvimento de hábitos básicos, que são fundamentais para a boa convivência social, ainda nessa perspectiva, o autor afirma que além de não cumprir com sua tarefa, há entre a família e a escola uma ruptura na confiança que outrora permeava a relação entre essas duas instituições que devem ser parceiras. Para Aquino (1996), é difícil negar, a importância e o força que a educação familiar tem (do ponto de vista cognitivo, afetivo e moral) sobre o indivíduo. Entretanto, seu poder não é absoluto e irrestrito.

Libâneo (2004) esclarece que é necessário observar que a escola não está isolada do sistema social, político e cultural, mas que pode criar seu espaço de

trabalho junto a seus pares, em função da qualidade das aprendizagens dos alunos e de objetivos pessoais, profissionais e coletivos., tornando os espaços escolares promotores - facilitadores do estabelecimento de relações, que se apresentam em diversos formatos, constituindo relações significativas para os sujeitos que atuam nesses espaços de aprendizagem e vivências. E, nesse cenário, a escola, tanto quanto a sala de aula, é espaço de aprendizagens, onde se pode deduzir que formas de funcionamento, normas, procedimentos administrativos valores e outras tantas práticas que ocorrem no âmbito de sua organização, exercem efeitos diretos na sala de aula, sendo verdade, também, o inverso: o que ocorre na sala de aula tem efeitos na organização escolar (2004, p. 13).

Assim, a escola pode ser considerada um lugar democrático de oportunidades e também de limites, influenciadas pela prática e pelas ações promotoras do processo de ensino-aprendizagem. Paralelamente com o ambiente familiar, a escola é onde se iniciam as primeiras relações sociais do sujeito, sob a ação direta dos atores envolvidos neste, e cujas relações são determinantes para a formação dos sujeitos, para o fomento dos processos de inclusão ou exclusão social, e nos espaços escolares, sendo ambas responsáveis pelo sucesso ou pelo fracasso escolar, o que se reforça através dos estudos de Aquino (1996), que enfatizam que a parceria e a cumplicidade com os pais dos alunos, seus familiares, melhora consideravelmente a imagem da escola e o seu vínculo com o entorno. Esse envolvimento representa que a educação está se realizando com sucesso, apoiada no fundamental binômio escola-família uma vez que não se aprende só na escola, uma vez que a escola e a família são as duas instituições responsáveis pela educação num sentido amplo. O processo educacional depende da articulação desses dois âmbitos institucionais. Um não substitui o outro, devem sim, complementar-se (AQUINO, 1996).

Paro (2001, p. 118) lembra que o homem se constrói em sua historicidade pelo trabalho mediado pelas relações sociais com outros homens a partir da cooperação. Todavia, o autor salienta que nessa relação de cooperação “cada um com o outro precisa fazer-se de modo que ele mantenha sua condição de sujeito sem negar no outro a mesma condição de sujeito”.

No viés das relações na escola e na sala de aula, podemos citar os estudos de Lima (2000, p.222) quando diz da importância do estabelecimento de um ambiente de confiança para que haja um reforço positivo para a aprendizagem,

[...] quando se estabelecem relações de confiança na sala de aula, o aluno se sentirá mais à vontade para expressar suas reflexões, dúvidas, descobertas, participações e assim, construir seu processo de aquisição do conhecimento. Por outro lado, a relação problemática pode gerar sentimentos de insegurança, dúvida, medo e hostilidade com relação ao professor e aos colegas, se ele não perceber cumplicidade e respeito à sua participação, iniciativa, respostas e erros[...]

Reforçando esse pensamento, a teoria, Vigotsky, 1998, enfatiza a importância das relações interpessoais, quando diz que as crianças constroem o conhecimento na interação com o outro.

Assim, em se considerando que é na escola que o sujeito tem parte de suas primeiras relações sociais e considerando a educação como um processo social, onde o sujeito se firma enquanto cidadão capaz de transformar realidades, as relações desenvolvidas no contexto escolar passam a ser vistas como primordiais para a estabilização do processo educativo, especialmente, as relações entre professores e alunos. Parafraseando Freire, [...] o clima de respeito que nasce de relações justas, sérias, humildes, generosas, em que a autoridade docente e as liberdades dos alunos se assumem eticamente, autentica o caráter formador do espaço pedagógico [...] (1996, p. 103), assumindo este perfil, pode a escola estabelecer um ambiente de trocas, onde disciplina e indisciplina perdem o fervor.

Ainda nesta perspectiva, para Vasconcellos, a construção do relacionamento humano é primordial para o processo educativo. No cotidiano escolar, os próprios alunos identificam uma classe unida, onde há relações calorosas, de respeito, de aceitação, é isso se torna motivo e vontade de “vir para a escola”, contribuindo nas relações interpessoais inclusive, auxiliando a cada um a lidar com seus defeitos, suas limitações. Assim, torna-se possível perceber que a construção do conhecimento em sala de aula necessita da construção do

sujeito e esta depende da construção do coletivo, que é base de toda construção social (2004).

É possível afirmar que as práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores no ambiente escolar e que o estabelecimento das relações que surgem a partir da prática, representam um caminho que influenciam diretamente no percurso que o aluno fará em sua vida escolar, uma vez que o aluno projeta no professor suas expectativas enquanto aprendiz, influenciando inclusive no perfil da escola e nas ocorrências em seu cotidiano. Assim, torna-se perceptível que a prática pedagógica jamais é uma simples realização de receitas, modelos didáticos, esquemas conscientes de ação; ela é dirigida pelo *habitus* do professor, que sustentam as inúmeras microdecisões tomadas na sala de aula (PERRENOUD, 1993, p. 35).

Berger e Luckman (1989) e Vygotsky (1998) consideram que o indivíduo não interioriza o mundo de forma direta, mas sim de forma mediada, sendo as relações que estabelece com o meio sócio-histórico e com os outros participantes desse meio, um dos mediadores fundamentais nesse processo. No caso do meio escolar, Charlot (2000) esclarece que a experiência educativa que o aluno vivencia é totalmente marcada pelo sentido que, para esse aluno, tem que estar na escola, e relacionar-se com os outros - professores e alunos. Esse sentido se amplia rumo ao saber, ao conhecimento e tem influência direta sobre os resultados desse aluno no final do processo educacional uma vez que o processo de ensino e aprendizagem está diretamente vinculado às relações interpessoais, bem como as relações familiares, sociais, institucionais são corresponsáveis pelos resultados finais de avanços ou estabilização dos processos de aprendizagem.

Tacca (2006, p. 199) se reporta a Vygotsky no que diz respeito à necessidade do empenho de todas as partes envolvidas no processo educacional, bem como nas relações que regem o cotidiano escolar:

[...] Para o enfrentamento de situações onde aparecem divergências de pontos de vista ou naquelas em que não há clareza de posições assumidas haverá, portanto a necessidade de se buscar os motivos e interesses imbricados no pensamento de cada um, pois só isso conduzirá a reciprocidade e a integração produtivas, tão necessárias para o alcance do objetivo comum. Vygotsky propôs que “para

entender o discurso do outro, nunca é necessário entender apenas umas palavras; precisamos entender o seu pensamento. Mas é incompleta a compreensão do pensamento do interlocutor sem a compreensão do motivo que o levou a emití-lo. De igual maneira, na análise psicológica de qualquer enunciado só chegamos ao fim quando descobrimos esse plano interior último e mais encoberto do pensamento verbal: a sua motivação”. A comunicação acontece, então, quando são realizadas trocas e se cada interlocutor se dispõe a compreender o outro, além daquilo que este consegue verbalizar, o que implica considerar a sua subjetividade na confluência de sentidos subjetivos que emergem na situação relacional [...]

2 - A ESCOLA E SEU PAPEL NA CONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES SOCIAIS

A partir da inserção do sujeito na escola, podemos compreender o homem como um ser social e vislumbrar sua atuação neste ambiente bem como reforçar a importância das relações para ele se constituir como pessoa, desta forma, é possível perceber que o processo educacional se sustenta sobre o relacionamento de pessoas, norteado por uma concepção de ação conjunta e interativa (LÜCK, 2006).

Assim, é a partir da relação estabelecida com o outro, dos vínculos afetivos que se criam nos ambientes escolares, nos anos iniciais da vida escolar, que a criança vai tendo acesso ao mundo simbólico oferecido pela aprendizagem e, assim, conquistando progressos expressivos no âmbito cognitivo (SANTOS, 2005). Nesse sentido, para a criança, torna-se importante e essencial o papel do vínculo afetivo, que vai se expandindo, e neste contexto, a figura do professor (a) surge com grande valor na relação de ensino e aprendizagem, na época escolar, e é importante ressaltar que todo sujeito traz consigo para a sala de aula uma história pessoal, rica em experiências particulares vivenciadas na família, na sociedade, com arranjos e categorias distintas para alcançar sua trajetória de estudante, e perspectivas individualizadas com relação a um projeto de vida (GRILLO, 2004).

Fernandez (1991) complementa esse pensamento quando diz que no processo ensino aprendizagem, são necessários dois personagens - ensinante e aprendente - e um vínculo que se estabelece entre estes, reforçando que, não

é suficiente a aprendizagem na vida de qualquer um, se ela se der em um processo sem vínculos, entretanto, esta torna-se significativa quando aquela mediada por aqueles a quem outorgamos confiança e direito de ensinar.

Assim, as decisões que permeiam as condições de ensino, promovidas pelo professor, e assumidas por este em sala de aula, são permeadas por trocas de afetividade. Freire (1996) indica que ensinar requer um querer bem o aluno, o que não significa que o professor é obrigado a nutrir sentimentos iguais por todos, significa sim, que o educador deve ter afetividade pelo aluno sem temer em expressá-la. Sendo, portanto, uma constante no trabalho pedagógico desenvolvido pelo professor com seus alunos; nessas relações tão presentes no cotidiano escolar, há que se levar em conta as condições das relações entre professor-aluno, para que sejam contempladas as questões das diversidades dos aspectos envolvidos no processo, ou seja, não se deve apenas considerar as questões cognitivas, uma vez que há outras questões integrantes do processo ensino - aprendizagem tão importantes quanto as questões meramente cognitivas e que também são determinantes para o sucesso do processo e que contribuem para a manutenção da harmonia do cotidiano escolar. Assim, Araújo (1998) afirma ser importante, pensar a escola em sua diversidade, num movimento onde é preciso abdicar de um modelo de escola no qual se anseiam por alunos homogêneos, tratando como iguais os diferentes, e incorporando uma concepção que considere a importância da diversidade tanto no que diz respeito ao trabalho com dos conteúdos escolares quanto nas relações interpessoais.

Desta feita, os fazeres – saberes em educação se tecem sob uma rede de convivência, e assim se constroem histórias de convivência que exercem influência direta sobre o modo como educamos e somos educados pelo meio. Schön (1992), a prática profissional sustenta-se na competência para dialogar com os problemas reais, na reflexão em ação, na direção da reflexão sobre a ação. Desta forma, a aceitação e a convivência com o outro com as experiências que este traz como legítimas, vão desenhando o respeito, e as boas relações em sala de aula e conseqüentemente, no espaço escolar como um todo.

Para tanto, a escola deve ser um espaço, onde as regras são construídas conjuntamente, de forma justa e alinhada à realidade, permeadas por

solidariedade, para a construção de relações humanas de qualidade. Desta feita, é importante mencionar Viñao (2005, p.17), quando afirma que [...] a instituição escolar ocupa um espaço que se torna, por isso, lugar. Um lugar específico, com características determinadas, aonde se vai, onde se permanece umas certas horas de certos dias, e de onde se vem. Ao mesmo tempo, essa ocupação de espaço e sua conversão em lugar escolar leva consigo sua vivência como território por aqueles que com ele se relacionam. Desse modo é que surgem, a partir de uma noção objetiva – a de espaço – lugar – uma noção subjetiva, uma vivência individual ou grupal, a de espaço – território [...]

Portanto, há que se pensar na organização, no currículo, nas relações interpessoais na escola, abrindo espaços para relações respeitadas e afetuosas, que contribuem diretamente para o crescimento das relações humanas, concorrendo para a construção e manutenção de um território de paz na escola.

Corroborando com esse pensamento, Gadotti (1992) orienta que é preciso saber e entender que, a escola deve pautar suas práticas na perspectiva de que todo ser humano é capaz de aprender e de ensinar, e que, no processo de construção do conhecimento, todos os envolvidos aprendem e ensinam. Assim, o processo de ensino-aprendizagem torna-se mais eficiente uma vez que o educando participa efetivamente da construção do 'seu' conhecimento e não mais apenas aprende o conhecimento a ele passado, construindo um sentimento de pertença e valorização.

Desta forma, é possível entender a grande importância da escola na construção do sujeito e enquanto equipamento social, espaço de exercício da democracia e cidadania, campo de fomentação de ideias, e construção de realidades que possibilite o crescimento mútuo entre os atores dessa caminhada. Nesta perspectiva, Severino (1992, p. 13) complementa que, [...] de um lado a sociedade precisa da ação dos educadores para a concretização de seus fins, de outro os educadores precisam do dimensionamento político do projeto social para que sua ação tenha real significação enquanto mediação[...] e assim, sociedade e escola se complementam em sua função.

Considerações Finais

Diante de toda a expectativa que se lança sob a escola, entendê-la enquanto um lugar plural torna-se imprescindível para entender seu complexo e suas relações e construções sociais.

Assim como as novas demandas surgem, a escola absorve funções que antes não eram comuns a ela, uma vez que os papéis da escola e dos outros equipamentos de proteção social eram bem definidos e entendidos socialmente, entretanto, a escola atual, e todo o seu cotidiano encontram-se permeados de questões que muitas vezes corroboram para a ocorrência de eventos que desviam a escola de seu papel. Papel esse, que é fundamental para a formação de uma sociedade organizada, respeitadora das diversidades e promotora da cultura da paz.

Nos dias atuais, os eventos de indisciplina na escola, preocupam pesquisadores de toda parte, uma vez que essas ocorrências comprometem a qualidade do ensino nas escolas, quer sejam públicas ou privadas, trazendo instabilidade para o cotidiano escolar, desviando a escola de seu foco.

Saber lidar com esses eventos é deveras complexo para os atores que atuam nas escolas, quer por falta de preparo, quer pelas limitações que lhes são peculiares, uma vez que os complexos trazem consigo, questões que alçam outros campos científicos.

É preciso, para tanto, criar estratégias, tecer redes de saberes e de práticas que tornem o cotidiano escolar mais acolhedor, mais integrador, e atento às diversidades, para que novos caminhos sejam trilhados pautados na valorização das relações interpessoais e na afetividade, bem como no trabalho colaborativo entre escola, família e comunidade, uma vez que as relações escolares são reflexo direto das relações advindas destas.

Portanto, estabelecer um ambiente de diálogo, de pertença, de mediação, e ler nas entrelinhas, as demandas e angústias da comunidade escolar, pode representar um importante eixo para que de fato o cotidiano escolar seja permeado por relações pacificadas, não autoritárias, nem opressoras, onde a força dos saberes – fazeres cooperativos, sejam práticas edificadoras de uma escola viva, ativa e segura de seus objetivos.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Julio Groppa. **Indisciplina na sala de aula**. 6. ed. São Paulo: Summus, 1996.

AQUINO, Júlio Groppa. **A desordem na relação professor-aluno**: indisciplina, moralidade e conhecimento. In: Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. 8. ed. São Paulo: Summus, 1996.

ARAÚJO, Ulisses Ferreira de. **O déficit cognitivo e a realidade brasileira**. In: AQUINO, Julio Groppa (org.): Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas. 4. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1998.

ARROYO, Miguel G. **Imagens Quebradas**: trajetórias e tempos de alunos e mestres. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BERGER, P.; LUKCMANN, T. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1985.

CARVALHO, José Sérgio Fonseca de. **Os sentidos da (in)disciplina**: regras e métodos como práticas sociais. In : AQUINO, J. G. (Org.). Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo : Summus, 1996.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.

FERNANDEZ, A. **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 18 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução: Raquel Ramallete. 35. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

GADOTTI, Moacir. **Diversidade Cultural e Educação para Todos**. Juiz de Fora: Graal.1992.

GRILLO, M. **O professor e a docência**: o encontro com o aluno. In: ENRICONE, D. (Org.) Ser professor. 4. ed. Porto Alegre : EDIPUCRS, 2004.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola**: teoria e prática. 5ª ed. Goiânia: Editora Alternativa, 2004

LIMA, M. do S. M. **O problema da indisciplina nas classes de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental**. 2000, 257 f. Dissertação (Mestrado). Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, Brasília, 2000.

LÜCK, Heloísa **Gestão Educacional: Uma questão paradigmática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

PARO, Vitor Henrique. **Escritos sobre educação**. São Paulo: Xamã, 2001.

PARRAT-DAYAN, Sílvia. Trad. Sílvia Beatriz Adoue e Augusto Juncal. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. São Paulo: Contexto, 2008.

PERRENOUD, P. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas**. Temas de Educação 3 – Publicações Dom Quixote: Instituto de Inovação Educacional, Nova Enciclopédia. Lisboa, 1993.

REGO, Teresa Cristina R. **A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana**. In: AQUINO, Júlio Groppa (org). **Indisciplina na escola: Alternativas Teóricas e Práticas**. São Paulo: Summus, 1996.

SANTOS, Cristiane Silva Rodrigues. **A importância da afetividade no processo ensino – aprendizagem**. UNICAMP, 2005. Disponível em: <file:///C:/Users/Michele/Downloads/RodriguesC.S.S.pdf>. Acesso em 05/05/2015.

SCHÖN, Donald. **La formación de profesionales reflexivos. Hacia un nuevo diseño de la enseñanza y el aprendizaje en las profesiones**. Barcelona: Paidós, 1992.

SEVERINO, A. de J. **A escola e a construção da cidadania**. In: MARTINS, J. de S. et al. Sociedade civil. São Paulo: Papirus, 1992.

SILVA, Sônia Aparecido Ignácio. **Valores na educação: O problema da compreensão e da operacionalização dos valores na prática educativa**. Petrópolis: Vozes, 1986.

TACCA, Maria C. V. R. Relações sociais na escola desenvolvimento da subjetividade. In: MALUF, Maria I. Aprendizagem: tramas do conhecimento, do saber e da subjetividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006

TIBA, Içami. **Disciplina, limite na medida certa**. 50. ed. São Paulo: Editora Gente, 1996.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **(In)Disciplina: Construção da disciplina consciente e Interativa em sala de aula e na escola**. 15ª ed. São Paulo: Editora Libertad, 2004 (Cadernos Pedagógicos do Libertad, v. 4).

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Resgate do Professor como Sujeito de transformação**. 10ª ed. São Paulo: Libertad, 2003.

VIÑAO, Antonio. **Espaços, usos e funções; a localização e disposição física da direção escolar na escola graduada.** In: BENCOSTTA, Maucus Levy (Org.). História da educação, arquitetura e espaço escolar. São Paulo: Cortez, 2005.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.